



Entre bananas e fuleragens

Entre broncas e piadas, a moça que negou a janela do avião para uma criança birrenta cedeu lugar para a alta do dólar, que, não demora muito, deve ser trocada por outro assunto polêmico. Assim é a vida dos memes, criações que disputam nossa atenção no mundo da internet. Neste 2024, de treta em treta, poucas despertaram tanto interesse e marcaram lugar na história quanto uma banana.

Quem deu a banana à palmatória virtual foi o artista italiano Maurizio Cattelan, autor de obras como *La Nona Ora*, escultura realista do papa João Paulo II imprensado por um meteorito; ou *América*, um vaso sanitário funcional em ouro maciço cuja história inclui até uma oferta de empréstimo a Donald Trump.

Cattelan pespegou uma banana com fita adesiva a uma parede e vendeu três cópias da criação, numa feira internacional de arte, por até US\$ 150 mil, em 2019. O que já era escândalo virou histeria quando, semanas atrás, o milionário chinês Justin Sun comprou uma das versões da obra por US\$ 6,2 milhões — e, numa entrevista, comeu a banana, que, como previu o artista, será substituída por outra.

Há mais de século, o pioneiro da arte conceitual Marcel Duchamp também chocava muita gente com sua famosa *Fonte*, um mictório de porcelana, que, para o filósofo Michel Onfray, permitiu aos artistas matar a ideia platônica da arte como uma busca do Belo — e a tradição de usar materiais nobres como o mármore ou metais preciosos. Em troca, reforçou-se o papel do artista como criador capaz de questionar e perturbar o sentido das coisas, com o material que lhe vier à mão.

Ainda que você queira dar uma enorme banana para a arte contemporânea e suas obras bizarras, precisa admitir: neste 2024, nenhuma criação artística provocou tantas reflexões, discussões, paródias e críticas como a fruta do Cattelan.

E raras vezes uma obra deixou tão clara a conexão da produção e valorização da arte contemporânea com as igrejas do poder global que são as instituições do mercado financeiro hoje por trás do frisson nos leilões e nas feiras de arte,

seus marchands, curadores e mecenas. Não à toa, o milionário que comprou e comeu a banana negocia criptoativos — moedas virtuais, como o bitcoin, transacionadas de modo alucinante nesse mundo superaquecido em crise permanente.

Curiosa coincidência: enquanto o Distrito Federal e o mundo descascavam a provocação de Cattelan, a arte contemporânea perdeu em dezembro uma de suas brasilienses mais famosas, Bia Medeiros, criadora, professora, respeitada, debochada e decidida. Chamava o que fazia de “fuleragem”, e de “mixuruca” a efemeridade das obras com que animava a cena artística por onde passou, sozinha, com parcerias ou o grupo *Corpos Informáticos*, que ajudou a criar.

Também neste fim de ano, a ainda pouco conhecida comunidade artística de Brasília comemorou a seleção da revista especializada *Select*, das 10 instituições culturais mais destacadas do ano: nela, estavam quatro estrelas da arte no Cerrado: a galeria *De Curators*, na Asa Norte, a *Pé Vermelho*, em Planaltina, a *Risoflora*, em Ceilândia, e a *Olho de Águia*, em Taguatinga.

Vale conhecer. Fica o voto: que, em 2025, esse pessoal frutificando em Brasília mereça tanta atenção quanto as cascas de banana do irônico artista italiano.

Sergio Leo é jornalista

